

# 10. O pensamento estratégico na União Soviética e na Rússia: política externa, autonomia e soberania econômica

*Fernando Roberto de Freitas Almeida*

*Pérsio Glória de Paula*

## *Introdução*

No prelúdio da Operação Barbarossa – a invasão das forças do Terceiro Reich à União Soviética que marcaria o início da Grande Guerra Patriótica –, havia uma percepção compartilhada entre as lideranças nazistas não só da existência de uma aparente fraqueza do Exército Vermelho, mas também de uma debilidade inerente da União Soviética e de sua estrutura interna. Apesar dos desafios em âmbito doméstico e das dificuldades na Guerra de Inverno, essas percepções sobre a fragilidade da URSS se fundaram, principalmente, em um sistema de dimensões ideológicas e disfunções cognitivas. Esse problema estava presente nas ideologias nazistas e fascistas, que se ampararam em suas pseudociências de superioridade racial e na *húbris* causada pelas rápidas vitórias anteriores da *Blitzkrieg*, e afetou igualmente outros sistemas cognitivos dominantes no período, como as sociedades ocidentais, que também antecipavam um rápido colapso soviético. Esses países também foram perpassados pela propaganda anticomunista e pela demonização da União Soviética, em voga desde a consolidação da Revolução de Outubro.

No entanto, como a história demonstrou, essa percepção revelou-se equivocada. O próprio líder nazista afirmou durante as reuniões de preparação para a invasão à URSS, em 1941, que “só precisamos chutar a porta e toda

a estrutura podre vai desabar”<sup>1</sup>. Já Goebbels, em seus diários que esperava serem publicados no pós-guerra (foram microfilmados e escondidos), cedo manifestou perplexidade com a extensão da malha ferroviária soviética e a capacidade da força aérea, como registrado por Losurdo.<sup>2</sup> Em 1942, já no contexto do conflito, Hitler, ao discutir com as lideranças do regime finlandês,<sup>3</sup> também demonstrou perplexidade frente ao real tamanho das forças e das capacidades industriais-militares da URSS. Esses são alguns dos exemplos das limitações dos sistemas cognitivos vigentes na época, que subestimaram elementos cruciais do poder soviético, como as capacidades de coordenação social e econômica, o real potencial da mobilização militar e industrial do país e o ímpeto e o espírito de luta do povo.

Nesses 80 anos após o fim da Segunda Guerra, o sistema internacional passou por profundas transformações e o século XXI tem testemunhado a ascensão de novos atores internacionais e o ressurgimento de potências com conteúdo civilizacional e acúmulos históricos e culturais distintos do Bloco Ocidental. Há, na atualidade, uma ambiguidade sistêmica que é um dos fatores centrais para explicar a intensificação das tensões geopolíticas contemporâneas. Por um lado, existe uma tentativa continuada de consolidação de hegemonia unipolar de um centro sistêmico euro-atlântico e, por outro lado, há um processo de reconfiguração dos arranjos de poder globais que tem dado proeminência a atores emergentes não ocidentais. Além disso, o atual quadro de tensões revela também um novo problema de conflitos de narrativa que afeta a interpretação da realidade e o entendimento das reais capacidades dos principais atores estatais.

Nesse contexto, a Rússia emerge como um caso emblemático, não apenas por ser uma das potências ressurgentes, mas também pelo fato de estar no epicentro dos processos de transformação sistêmica e dos atuais conflitos entre os blocos de poder. Essa reconfiguração dos arranjos de poder e o conflito na Ucrânia revelaram não apenas as fissuras nas relações internacionais

---

1 Fala atribuída ao líder nazista. <https://www.iwm.org.uk/blog/partnerships/2021/09/operation-barbarossa-the-german-invasion-of-the-soviet-union-1941-part-one>.

2 Os últimos registros foram feitos dez dias antes de sua morte. Os “Diários” foram publicados primeiramente apenas em 1978. Losurdo, 2010.

3 Em gravação secreta da conversa de Hitler com Carl Mannerheim, marechal fascista finlandês, e outras autoridades finlandesas. <https://yle.fi/aihe/a/20-270673>.

contemporâneas, mas também as limitações e incongruências entre a realidade e certas narrativas e percepções acerca do papel e do potencial russo. A Rússia, que foi rotulada como “um grande posto de gás fingindo ser um país”<sup>4</sup> e como nada mais que uma “simples potência regional” que “estaria do lado errado da história”,<sup>5</sup> não só tem resistido aos maiores pacotes de sanções econômicas já visto, mas também apresentado taxas de crescimento econômico e estabilidade social em meio ao conflito. Nesse sentido, o objetivo deste capítulo é analisar o desenvolvimento histórico da economia soviética e do ressurgimento russo, evidenciando seus impactos geopolíticos e as incongruências presentes nas narrativas contemporâneas sobre as crises internacionais atuais, com ênfase nas perspectivas russas e brasileiras.

### *As experiências soviéticas: geopolítica e geoeconomia*

Os russos constituíram um dos maiores impérios da História, ocupando a região que os fundadores da Geopolítica consideraram o “pivô do mundo”, a Eurásia, chegando até a América do Norte. Para o inglês Halford Mackinder, o controle da imensa região seria o objetivo das principais potências mundiais, mas a Rússia já estava lá. Com o avanço das redes ferroviárias, especialmente na Alemanha e na Rússia, o poder marítimo dos países imperialistas estava sendo ultrapassado pela visão da importância do poder terrestre, e ver a Rússia como uma ameaça ao equilíbrio do poder europeu era algo trivial nas grandes capitais, sedes dos impérios coloniais.

Tendo entrado na Primeira Guerra Mundial como uma economia atrasada industrialmente em relação aos países da Europa Ocidental, e com atividades econômicas em grande medida controladas por empresas francesas, inglesas e alemãs (forte motivo por trás de seu ingresso no conflito), a Rússia em pouco tempo passou de “sócia tardia e menor” do capitalismo mundial, em seu formato imperial, no dizer de Luís Manuel Fernandes (1999), para a

4 Afirmação do então senador John MacCain em 2015. <https://theweek.com/speedreads/456437/john-mccain-russia-gas-station-masquerading-country>

5 Fala do então presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, sobre o golpe do Euromaidan e a anexação da Crimeia em 2014. <https://www.reuters.com/article/world/obama-in-dig-at-putin-calls-russia-regional-power-idUSBREA2O19J/>

posição de “polo articulador” de um sistema mundial antagônico, no formato soviético. Tendo em mente as colossais perdas humanas nos dois grandes conflitos do século XX, a resiliência russa é um dos mais notáveis acontecimentos políticos da História.

O país conheceu forte impulso industrializante em meados do século XIX, quando possuía uma única ferrovia completa, com ramal pouco extenso, de Moscou a São Petersburgo, mas, às vésperas da Primeira Guerra Mundial, já contava com mais de 70 mil km de malha ferroviária, incluindo a colossal Transiberiana. O império adotou política de substituição de importações, com tarifas elevadas para importados, visando a desenvolver e proteger indústrias que, prioritariamente, apoiassem as ferrovias e a modernização militar. Assim a produção industrial cresceu a uma taxa de 8% ao ano, no final do século XIX, sendo prejudicada por uma crise financeira mundial, em 1899/1900, pela guerra com o Japão, em 1904, e pela revolução em 1905. A seguir, retomou o crescimento, até 1913, com taxas anuais de 6%. Contudo, havia uma “monopolização precoce”, pois apenas um cartel (o *Prodamet*) controlava 80% da produção de ferro e aço e apenas sete empresas controlavam 90% da produção de trilhos para as ferrovias (Fernandes, 1999).

A situação desse desenvolvimento acelerado sob o czarismo motivou amplos debates, sendo considerado um modelo de “via prussiana”, em que a modernização mantinha as velhas estruturas do poder de elites agrárias conservadoras. Para viabilizar maior ingresso de investidores estrangeiros, a Rússia havia aderido ao padrão ouro, em 1897, e eles se dirigiram aos setores estratégicos. Metalurgia e mineração estavam sob controle de empresas francesas e belgas, os alemães se destacavam nas indústrias químicas e elétricas e 50% dos poços de petróleo pertenciam a capitais anglo-franceses. Nas finanças, principalmente franceses controlavam 42% dos dezoito principais bancos. O Império Russo entrou na Primeira Guerra como o segundo país mais endividado do mundo, com os Estados Unidos em primeiro lugar, e seu maior importador era o Império Alemão, o que criava uma situação especialmente complexa, no cenário de proximidade de um confronto de larga escala. Apesar da dependência do mercado alemão, sua enorme dívida externa estava ligada aos países da Europa Ocidental, com quem havia assinado diversos acordos

secretos. Ocorria uma “armadilha do endividamento”, numa situação quase neocolonial em relação aos credores mais avançados. A renda *per capita* russa foi calculada em 1/3 da inglesa e da estadunidense e 80% da população economicamente ativa russa se dedicava à agricultura.

As condições para a evolução dos acontecimentos políticos desencadeadores da Revolução de 1917 são conhecidas: contradições do capitalismo tardio e terríveis destruições humanas e materiais. Na vitória dos bolcheviques, sem poderem contar com ajuda externa a seu projeto, já em 1918 foram tomadas medidas fundamentais que direcionariam o futuro imediato e bem além: cancelamento das dívidas com os bancos dos países do centro do sistema e monopólio estatal do comércio exterior. Seria a solução óbvia para as relações de troca desiguais e, no momento, elogiava-se a dinâmica da economia alemã, de um “capitalismo de Estado”. As nacionalizações soviéticas foram restringidas aos bancos, fundidos num só, o Banco do Estado, às maiores empresas da indústria armamentista e às fábricas abandonadas pelos proprietários. Todas as medidas aqui citadas obviamente geraram reação forte de setores poderosos da economia, levando, imediatamente, em 1918 à revolta dos “generais brancos”,<sup>6</sup> guerra civil e invasão do território russo, orquestrada por treze exércitos estrangeiros, incluindo as grandes potências do período, como os Estados Unidos, o Império Britânico, a França, o Japão e a Itália. Muitas outras empresas foram imediatamente abandonadas por seus proprietários e os invasores aliados criaram um bloqueio econômico ao país.

A resposta governamental foi nacionalizar todo o setor industrial e estabelecer regras de requisição compulsória e distribuição centralizada da produção. Como resultado, estima-se que o comércio exterior russo, nessa fase (1918-1920), denominada “comunismo de guerra”, não tenha chegado a 1% do que fora, em 1913. Todos os esforços governamentais voltaram-se ao ambiente militar e, em 1921, com a vitória na guerra civil, imaginou-se manter o “comunismo de guerra”, para acelerar a implantação do socialismo, que havia progredido nas cidades. A maioria no governo acreditava que as condições peculiares da Rússia, território gigantesco, indústrias modernas nas cidades,

---

6 A criação do Exército Vermelho, em 28/1/1918, pelo Conselho do Comissariado do Povo, foi fundamental para a defesa da Revolução e do país, a partir de então.

riquezas naturais fartas e, em grande medida, até mesmo não dimensionadas, poderiam levar à construção de uma sociedade socialista sem apoio externo. Isso levou a uma retomada da política anterior ao comunismo de guerra, abolindo requisições compulsórias e restabelecendo relações monetárias nas operações entre as indústrias e o campo, na chamada Nova Política Econômica (NEP).

O sucesso dessas operações levou ao encerramento do bloqueio decretado pelas potências ocidentais, mas o comércio exterior não poderia mais retornar ao padrão anterior à Revolução, pois não se baseava mais em tarifas protecionistas e, sim, no monopólio estatal. O Balanço de Pagamentos podia ter tratamento diferente, uma vez que não havia mais problemas com o serviço da dívida externa, com a remessa de lucros para o exterior ou gastos com turistas em visita ao estrangeiro. Isso eliminava a persistente busca anterior pela obtenção de superávits comerciais e, como resultado, o comércio exterior não obtinha valores sequer maiores do que 50% dos verificados antes da NEP.

O capitalismo de Estado seria assentado em poucas regras básicas: 1) estabelecer concessões a grupos privados nacionais ou estrangeiros, por tempo limitado; 2) alugar forças produtivas a empresários, por tempo determinado; 3) construir empresas mistas, com estatais e empresários estrangeiros; 4) pagar comissões a comerciantes privados para venderem mercadorias; 5) definir relações estáveis entre entes estatais e cooperativas agrícolas privadas.

A partir de 1925, pensou-se que este modelo poderia ser adotado entre o Estado e setores não socialistas da economia soviética, mas de fato as relações imaginadas quase não se concretizaram, ou seja, o capitalismo de Estado não prosperou. Não terem recebido financiamentos estrangeiros de longo prazo, em boicote evidente às importações governamentais soviéticas, era um obstáculo fundamental. O “Ocidente” jamais perdoaria o cancelamento da dívida externa. Mesmo assim, o nível de produção anterior à Primeira Guerra Mundial foi alcançado em 1926, embora não houvesse efetivamente recursos para um novo surto de industrialização. Isso motivou a chamada “crise das tesouras”, em 1923/24 (explicada por Trotsky), quando se percebeu que os preços agrícolas, liberalizados, caíam, enquanto os preços dos manufaturados, dependentes de aumento na produção industrial, controlada pelo Estado, subiam. Seria preciso ampliar a industrialização, e os debates sobre a direção do

país se intensificaram. Sem créditos estrangeiros de longo prazo, os recursos necessários viriam de fonte interna. A industrialização deveria prosseguir nos marcos da NEP, ou ser acelerada, com intervenção estatal?

O governo lançou, em 1927, “títulos de industrialização”, resgatáveis em dez anos, que foram insuficientes. Partiu-se, então, para taxação dos agricultores ricos e dos comerciantes privados. Mais uma vez, obteve-se resultado insuficiente, o que levou a uma reforma fiscal, em 1930, com um imposto sobre circulação de mercadorias, fortemente incidente sobre produtos agrícolas, e voltaram as requisições compulsórias com preços baixos.<sup>7</sup>

Em 1928, sob a égide de Josef Stalin, foi adotado o I Plano Quinquenal,<sup>8</sup> cujo texto apontava para a necessidade de “garantir a utilização máxima dos recursos na industrialização do país”. Optou-se pela instalação de indústrias pesadas estratégicas: ferro e aço, tratores, carros, caminhões, usinas hidroelétricas, mineração de carvão, produção de petróleo e fábricas de máquinas-ferramentas.<sup>9</sup> Aqui, é preciso fazer uma pausa e colocar em perspectiva a situação do sistema internacional dos anos 1920/30: os Estados Unidos viviam os “anos loucos”, de otimismo exacerbado; na Alemanha crescia a influência dos nazistas, com uma plataforma fanaticamente anticomunista; Mussolini tomara o poder na Itália e a Inglaterra rompera relações com a Rússia em 1927. Ao mesmo tempo, era preciso que a União Soviética tivesse uma base industrial de defesa de grande porte, pois um novo conflito se avizinhava e não haveria como resistir sem ela. O I Plano Quinquenal propiciou maior concessão de empréstimos de curto prazo por bancos estrangeiros, mas esses permaneciam irrisórios frente às necessidades do país.<sup>10</sup> Foram mais importantes os acordos de assistência técnica, principalmente com empresas alemãs

---

7 Em 1935, quase metade da receita do governo provinha das instituições criadas para as requisições, e uma crise grave com o setor agrícola foi instaurada, com desvio de produtos e, até mesmo, sua destruição pelos produtores, faltando alimentos nas cidades.

8 Os dados estatísticos dos planos, citados por Segrillo (2013) e Fernandes (1999) podem ser consultados em *Norodnoe Khozyaistvo SSSR: statisticheskii ezhegodnik* (Economia da URSS: Anuário Estatístico).

9 Com efeito, ainda em 1925, o XIV Congresso do PCURSS havia decidido que era preciso impedir que o país fosse “transformado em mero apêndice da economia mundial capitalista, em vez de uma unidade econômica independente, que constrói o socialismo”.

10 Seguiram-se outros planos quinquenais até a dissolução da União Soviética em 1991. Até os anos 1980, os planos soviéticos lograram resultados impressionantes, num contexto de

e estadunidenses, para produção de equipamentos elétricos, automóveis (Ford) e até mesmo a construção de uma represa.

Seja como for, no âmbito do I Plano Quinquenal (1928/32), a URSS testemunhou um crescimento de 13,2% ao ano; no segundo (1933/37), 16,1% e, no terceiro, a partir de 1938 e interrompido em 1941, com a invasão nazista, 12,5% ao ano. No III Plano Quinquenal, as dotações para a Defesa chegaram a 25% do orçamento total do Estado. Em 1939, por sua vez, o acordo com o Terceiro Reich, como anotado por Lukács (2008), evitou um ataque alemão à URSS antes da Operação Barbarossa, que viria a ocorrer apenas em 1941. Segundo Fortes (2018), o governo soviético teria avaliado ser mais fácil obter apoio dos países europeus, caso a Alemanha rompesse o pacto de não agressão e atacasse o território russo.

Quando a Operação Barbarossa foi lançada por Hitler em 22 de junho de 1941, dando início então à Grande Guerra Patriótica, a “frente interna” soviética realizou feitos hercúleos. Destacam-se a transposição em massa do parque industrial para os Urais, para a Ásia Central e para a Sibéria e a mobilização total do país, com enorme esforço também da população feminina, que resultaram em um aumento não só na produção de armamentos, mas também de bens industriais para a reconstrução rápida de infraestruturas atingidas pelo inimigo. A capacidade de coordenação econômica e o desenvolvimento industrial orientado para as necessidades estratégicas, aliados à mobilização abrangente de todos os segmentos da sociedade e ao espírito de união e de sacrifícios extraordinários feitos pelo povo soviético, permitiram não apenas conter a máquina de guerra nazista, mas também reverter o curso do conflito em favor dos Aliados.

Terminado o conflito, o IV Plano Quinquenal (1946/50) evidentemente visava à reconstrução da URSS, para “restaurar as regiões afetadas do país, [além de] restaurar o nível pré-guerra da indústria e da agricultura”. Mais uma vez, essa reconstrução ocorreria sem apoio estrangeiro, já que a URSS não poderia participar da remodelagem do sistema internacional sob hegemonia dos Estados Unidos, manifestada pela Conferência de Bretton Woods (1944). A União Soviética até chegou a participar da Conferência, visando a reestruturação

---

estatização total das forças produtivas e planificação centralizada de todos os processos visando ao desenvolvimento.

mundial no contexto pós-Guerra, mas ficaria sem poder de veto – restrito aos Estados Unidos – em instituições como o Fundo Monetário Internacional (FMI). Logo, “o país que fora a principal força a derrotar o nazismo na Segunda Guerra sentiu que o tratado [costurado em Bretton Woods] não estava à altura de seu prestígio e ambição internacional” (Klyausova, 2016).

Paralelamente, Washington iniciava sua estratégia de contenção da URSS, com a instauração da Guerra Fria e a declaração do Primeiro-Ministro britânico Winston Churchill (em Fulton, Estados Unidos), em 1946, acerca da “Cortina de Ferro” que descia sobre a Europa. É diante desse contexto que o IV Plano Quinquenal soviético procurou avançar em todos os setores essenciais do país, incluindo melhorias no bem-estar material e na cultura, mas dedicando 87,9% dos recursos disponíveis para os setores pesados e apenas 12,1% para os bens de consumo (Reis Filho, 2004). Em consequência, a renda nacional cresceu 71%, a produção industrial cresceu 85% e a agrícola, 21%. Os investimentos quase dobraram e o PIB cresceu a uma taxa média de 11% ao ano. Tal desempenho não encontrava análogo em nenhuma economia capitalista,<sup>11</sup> e, consolidando o bloco das economias planificadas,<sup>12</sup> em 1949 foi instituído o Conselho para Ajuda Econômica Mútua, Comecon, que existiria até 1991.

O V Plano Quinquenal (1951/55), por sua vez, já lidava com um mundo muito diferente, sendo agora a União Soviética uma potência nuclear com influência global, vendo seu gigantesco vizinho, a China, também instalando uma economia socialista, além de assistir ao desmonte dos impérios coloniais europeus mundo afora e à Guerra da Coreia. Naquele momento, os Estados Unidos haviam desistido da ideia de desindustrialização de seus ex-inimigos alemães e japoneses e, ao contrário, investiam pesadamente em ambos. Mesmo assim, o crescimento da economia soviética superava o de qualquer um deles. O V Plano previa investir em maior coletivização da agricultura, criando *kolkhozes* gigantescos, cujo número foi reduzido de 252 mil unidades para 75 mil (Reis Filho, 2004). Nos países ocidentais, considera-se

---

11 Observe-se que o governo brasileiro do Marechal Dutra rompeu relações com a URSS, por conta própria, em 1947, sendo que o Brasil havia sido o primeiro país sul-americano com quem o Império Russo estabeleceu relações, em 1828. As relações bilaterais foram restabelecidas apenas em 1961.

12 Países de fora do Leste Europeu aderiram posteriormente: Mongólia (1962), Cuba (1972) e Vietnã (1978).

que o pós-guerra apresentou a ênfase numa Terceira Revolução Industrial, conhecida nos países socialistas como Revolução Científico-Técnica.<sup>13</sup> Com o falecimento de Stalin, em 1953, reformas foram iniciadas promovendo grandes mudanças, que enfrentaram resistência em determinados setores, como a democratização do PCURSS, com voto secreto para a eleição dos dirigentes, candidaturas múltiplas e limites para reeleição (Reis Filho, 2004).

Já o VI Plano Quinquenal (1955-1960) visava o estabelecimento pleno do comunismo até o ano de 1980. Nesse quinquênio, a renda nacional aumentou 150%, a produção industrial, 64% e a agrícola, 32%. A agricultura se expandiu para o Cazaquistão e a Sibéria Ocidental, embora a orientação equivocada de um biólogo, Lysenko, tenha impedido sucesso nesse processo, o que levou a futuras quebras da produção agrícola. De grande relevância, no âmbito do Plano, foi o lançamento do primeiro satélite artificial, o *Sputnik*, ao qual se seguiu extensa série de sucessos no programa espacial, granjeando enorme prestígio para a ciência russa e soviética. Buscando uma “coexistência pacífica”, a URSS fez diversos acenos aos países capitalistas, inclusive recebendo, pela primeira vez, a visita do chanceler Konrad Adenauer, da Alemanha Ocidental, em 1955, e apoiando o Tratado de Neutralidade da Áustria. Dando mais atenção ao Terceiro Mundo, no ambiente em que se realizava a Conferência de Bandung, o secretário-geral do PCURSS, Krushev, visitou a Argentina e a Índia. A seguir, em 1959, reuniu-se com Eisenhower e discursou na ONU, em 1960.

Na URSS, enquanto isso, centros industriais avançados continuavam sendo instalados na Sibéria e nos Urais. O V Plano Quinquenal foi estendido então até 1965. Em 1960, foi lançado o Plano de Defesa de Sete Anos, que se tornou um grande escoadouro de recursos, prejudicando avanços em outras áreas da economia. A partir dele, a estratégia de dissuasão mantida na Guerra Fria precisou focar-se na competição acirrada causada pela corrida nuclear com os norte-americanos. Ainda assim, o novo modelo obteve alguns êxitos: a renda nacional cresceu 53%, os meios de produção se expandiram em 91% e a produção industrial cresceu 84%. A agricultura, porém, ficou muito abaixo

---

13 Em russo, *Nauchno-Tekhnicheskaya Revolyutsiya*, sendo a sigla NTR, muito citada na literatura soviética. Ver Segrillo, 2013.

dos 70% de crescimento pretendidos, aumentando apenas 15%, apesar dos grandes avanços na remuneração dos agricultores coletivos e nos programas habitacionais. Em 1962, a União Soviética respondeu à colocação de mísseis dos Estados Unidos na Turquia com a instalação de mísseis em Cuba, provocando uma crise séria do ponto de vista internacional e se apresentando como um poder bastante efetivo contra a maior potência do mundo capitalista.

Por outro lado, em meados dos anos 1960, a União Soviética começou a perder desempenho econômico, ao mesmo tempo em que tinha início a era de Leonid Brezhnev (1964-1982) à frente do poder.<sup>14</sup> No VIII Plano Quinquenal (1966-1970), já sob Brezhnev, foram obtidos alguns bons resultados: crescimento de 42% na renda nacional, produção industrial bruta 51% maior que no período anterior e crescimento de 21% na agricultura. O IX Plano Quinquenal (1971-1975) contava com a URSS solidamente estabelecida como grande potência industrial, aumentando a produção de bens de consumo e investindo bastante em geração de energia. No entanto, pela primeira vez, a economia dava sinais de estagnação e houve forte crise na produção agrícola, desencadeando alta no mercado mundial de alimentos.

O X Plano Quinquenal (1976-1980), por sua vez, ficou conhecido como “Plano de Qualidade e Eficiência”, mas não havia como dimensionar a mudança de paradigma técnico-econômico nos países capitalistas, iniciada nos anos 1970, com a superação do modelo fordista-keynesiano, substituído então pelo modelo neoliberal-toyotista, que abandonava compromissos com o Estado de Bem-Estar Social, projetos associativos e a busca do pleno emprego. Começava a era do individualismo exacerbado, da concorrência global entre grandes corporações, da descrença em atitudes associativas e cooperativas. A ofensiva da propaganda neoliberal tornou-se uma onda avassaladora na década seguinte e a URSS se fragilizava, com sua prioridade em Defesa, necessidade de manter os avanços sociais e de defender o socialismo no sistema internacional, não contando mais com o apoio chinês e onerando seu orçamento com a operação militar no Afeganistão.

---

14 O mesmo Brezhnev que proclamara, na comemoração dos cinquenta anos da Revolução, em 1967, ter o país entrado na era do “socialismo desenvolvido” (*razvitoi sotzializm*).

Mesmo assim, em regiões como África, Ásia e América Latina, “a URSS era vista como um contrapeso importante, às vezes, decisivo, aos intuítos dominadores dos EUA, e das ex-metrópoles coloniais europeias” (Reis Filho, 2004, p. 129). Diante desse contexto, o XI Plano Quinquenal (1981-1985) assistiu à forte crise da dívida do Terceiro Mundo e se voltava, segundo o PCURSS, a transformar o “crescimento extensivo em crescimento intensivo”, ou seja, avançar na melhoria do padrão de vida e da qualidade da produção de bens de consumo e também nas relações com os Estados Unidos, numa conjuntura em que a crise na produção de alimentos persistia.

O XII Plano Quinquenal (1986-1990), agora sob a tutela de Mikhail Gorbachov, programou grandes reformas e pensava num horizonte que ia até o ano 2000. Nessa época, as palavras russas *glasnost* (“transparência”) e *perestroika* (“reconstrução”) foram incorporadas ao vocabulário de pessoas cultas em todo o mundo, mas na verdade Gorbachov iniciou seu secretariado do partido com o *slogan uskoreniye* (“aceleração”). Seu anunciado objetivo de aumentar a tecnificação, por meio da robotização e substituição de trabalhadores braçais, denotava a pressão do padrão toyotista em implantação avançada no mundo industrializado. As medidas de reforma de Gorbachov, no entanto, não funcionaram, e uma crise se instaurou na União Soviética. Em meio a esse cenário, o acidente nuclear de Chernobyl, em 1986, tornou-se um episódio traumático daquele período, gerando preocupações e críticas em escala global.

No final das contas, o XIII Plano Quinquenal nem chegou a ser implementado devido ao colapso intempestivo da União Soviética em 1991, fechando de forma inesperada a Guerra Fria. Seja como for, o advento da Revolução de 1917, acompanhada pela criação de uma economia de comando estatizada, promoveu a rápida industrialização da Rússia soviética, sendo um dos pilares fundamentais para a constituição de suas capacidades de Defesa e organização de recursos em tempos de crise, como demonstrado na Segunda Guerra Mundial.

## *A dissolução da União Soviética*

Embora os diagnósticos sobre os problemas enfrentados pela União Soviética fossem, em muitos aspectos, acertados, a implementação das soluções

propostas resultou em consequências desastrosas. Como apontam Stephen Cohen (2011) e Richard Sakwa (2017), o colapso soviético é mais bem explicado pela condução equivocada das reformas do que pelos problemas estruturais, pelas pressões externas e pelas contradições internas do país. Além disso, os mesmos autores defendem que foi a própria URSS, e posteriormente a Rússia, que conduziu os processos de fim da Guerra Fria (1989), de fim do socialismo soviético (1990) e da própria dissolução da URSS (1991).

Os crescentes gastos militares,<sup>15</sup> reflexo das tensões com o Bloco Ocidental e da custosa intervenção no Afeganistão, restringiram significativamente os investimentos internos. Para mitigar essa situação, a URSS intensificou a exportação de bens primários, marcando o início da proeminência do setor energético na economia, que perdura até hoje na estrutura russa. A queda dos preços do petróleo nos anos 1980 agravou a desaceleração, mas sem comprometer o crescimento, que permaneceu positivo até 1989. No entanto, a competitividade sistêmica exigia da União Soviética uma reformulação estrutural de sua matriz produtiva.

No Brasil, o primeiro livro a tratar da dissolução da URSS foi publicado por Luís Manuel Fernandes, em 1991 (*URSS, ascensão e queda: A economia política das relações da União Soviética com o mundo capitalista*). Como observou Moraes: “Os subsídios analíticos que o livro oferece são úteis na medida em que expõem a situação em que o remédio venenoso da *perestroika* foi aplicado, mas faltava-lhe recuo histórico para reconstituir o processo concreto que conduziu ao grande desastre”. Já a primeira pesquisa acadêmica brasileira fundamentada em referências sobre aquele acontecimento histórico, na língua original, foi a tese de Ângelo Segrillo, defendida na Universidade Federal Fluminense, em 1999, a partir de estudos em Moscou, no Instituto Pushkin, de 1989 a 1992.

A instabilidade sucessória, marcada pelas mortes de Brezhnev (1982), Andropov (1984) e Chernenko (1985), levou à ascensão de Gorbachov em 1985, que iniciou um amplo programa de reformas. A ausência de diretrizes operacionais e a condução errática do processo reformista intensificaram a

---

15 Segundo Ângelo Segrillo (2013), nos anos 1980, os gastos com defesa chegaram a cerca de 15% do PNB soviético. Além disso, a participação da indústria de defesa na economia também era significativa.

crise econômica e catalisaram forças centrífugas, que aumentariam a pressão sobre o sistema soviético. Observe-se que, “em outubro de 1988, o ministro das Finanças Bóris Gastev, admitiu, finalmente, que o déficit aumentara muito durante a *perestroika*” (Segrillo, 2014, p. 51) exatamente devido às reformas implementadas.

Além do déficit orçamentário, sob as reformas, a partir de 1987, a URSS apresentou um decréscimo significativo na sua taxa de crescimento, saindo de uma média de 5% do início da década de 1980, para cerca de 1% entre 1987 e 1989. Em 1990, a economia soviética apresentou uma taxa - 2% em relação ao ano anterior, a primeira taxa negativa do país desde o fim da Segunda Guerra Mundial. A situação pioraria drasticamente em 1991, com o colapso do Comecon, quando a URSS apresentou uma taxa de - 8%, agravada pela dissolução do país em dezembro (Fundo Monetário Internacional, 1991). A RSFSR/Federação Russa apresentou uma taxa de - 5% para o mesmo ano.

Ainda que tenham sido os soviéticos os iniciadores do processo do fim da Guerra Fria, o resultado final foi o colapso unilateral do Bloco Socialista e da dissolução da URSS. O Ocidente, por sua vez, não tardou em declarar-se vitorioso na Guerra Fria, ensejando a precoce narrativa de “fim da história” e o advento do universalismo dos modelos e instituições democrático-liberais, que dali em diante deveriam ser copiadas não só pelo Bloco Oriental, mas também pelo restante do mundo, sob a tutela dos países ocidentais. Soma-se a isso o fato de que, nas negociações de reunificação da Alemanha, as lideranças ocidentais deram garantias verbais aos soviéticos de que não haveria expansão da Otan em direção ao Leste após a conclusão da reunificação (Shifrinson, 2016). Como a história mostrou, as promessas de não expansão não foram mantidas e a Alemanha entrou na Otan em 1990.

O colapso soviético e a secessão territorial da URSS em diversas repúblicas também significaram a redução das capacidades de organização e distribuição dos recursos e a fragmentação das cadeias produtivas, que agravaria substancialmente a crise econômica e social. A Rússia ainda passaria por outro período de reformas problemáticas com o início da Terapia de Choque na década de 1990, como se observa na Tabela 10.1.

**Tabela 10.1** – Indicadores econômicos da Rússia (década de 1990)

Ano	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
Taxa de crescimento*	-5%	-14,5%	-8,7%	-12,6%	-4,1%	-3,6%	1,4%	-5,3%	6,4%	10%
PIB nominal**	517	460	435	395	395	391	404	270	195	259
PIB PPC**	1.166	1.019	953	851	832	817	843	807	870	1.000
* Taxa de crescimento anual percentual do PIB a preços de mercado com base na moeda local constante. ** Valores correntes em bilhões dólares americanos.										

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos dados do Banco Mundial (2025).

## *A terapia de choque e a década de 1990*

Após a dissolução da URSS, a Rússia, enquanto principal Estado legatário, buscou redefinir sua identidade geopolítica ao se alinhar aos paradigmas democrático-liberais e à economia de mercado ocidental. As reformas foram marcadas por privatizações em larga escala, desmonte do aparato militar e liberalização financeira, culminando numa transição traumática caracterizada pela erosão da soberania estatal e pela captura das instituições nacionais por oligarquias vinculadas a interesses transnacionais.

Essa nova ordem ideológica rompeu com as tradições de desenvolvimento autônomo e soberano, subordinando a Rússia à ortodoxia neoliberal e aos interesses hegemônicos ocidentais, enquanto, sob a influência de elites cooptadas, o país inadvertidamente facilitava projetos de reordenamento geopolítico antagônicos aos seus próprios interesses, resultando em colapso socioeconômico, fragmentação cultural e recuo estratégico internacional na década de 1990. As tentativas de adequação a um regime liberal, democrático e ocidentalizado acarretariam a maior desestruturação econômica e social

que um país sofreu durante o período de paz. Segundo Hoff & Stiglitz (2004), o “Big Bang” de privatizações afetou cerca de 14 mil empresas e, entre 1995 e 2001, houve uma fuga média de capitais de cerca de 5% do PIB do país ao ano. Além disso, conforme demonstrado na Tabela 10.1, entre 1991 e 1996, o país apresentou uma sucessão de taxas negativas de crescimento anual.

O Produto Interno Bruto (PIB) nominal da economia (em valores constantes) diminuiu de 517 bilhões de dólares, em 1990, para 195 bilhões em 1999,<sup>16</sup> caindo para a vigésima segunda posição das maiores economias globais. Já a dívida externa do país atingiria o valor de US\$ 180 bilhões, em 1998, segundo o Banco Mundial. Para critério de comparação, o México e o Brasil – que também foram afetados por crises na década de 1990 – ocupavam, em 1999, a décima e a décima primeira posição respectivamente, com um PIB nominal aproximado de 600 bilhões, mais de três vezes maior do que o russo. Esses valores contrastam com os da União Soviética que, em 1989, era a segunda maior economia do planeta, com cerca de 2,6 trilhões de dólares.<sup>17</sup>

A “terapia de choque”, que previa privatização e abertura econômica imediatas, gerou concentração de renda em um pequeno segmento da sociedade, aumento do desemprego – que atingiu cerca de 13,3%<sup>18</sup> da população economicamente ativa da Rússia – e queda drástica nos padrões de vida da população. Nesse período, houve uma queda considerável em indicadores básicos de conquistas sociais do período soviético, como a expectativa de vida – que declinou de 69 anos, em 1989, para 64, em 1994 –,<sup>19</sup> o nível de extrema pobreza – que atingiu cerca de 35% dos russos em 1999 – e o Índice de Desenvolvimento Humano – que caiu de 0,741 em 1990 para 0,696 em 1994.<sup>20</sup> Igualmente, o país sofreu com a hiperinflação, situada em cerca de 300% em 1994 (Robinson & Owen, 2003) e que agravou severamente a situação econômica de aposentados e trabalhadores.

Além disso, também se iniciou o problema demográfico que persiste até hoje, não só com a redução na expectativa de vida, mas também devido a

---

16 Segundo dados do Banco Mundial (2025).

17 Segundo dados da Agência Central de Inteligência (CIA) dos Estados Unidos, 1990.

18 Banco Mundial, para o ano de 1998.

19 Idem.

20 Segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), s/d.

uma redução nas taxas de natalidade e ao aumento do índice de emigração socioeconômica.<sup>21</sup> As promessas de rápida modernização e prosperidade para a população russa não se concretizaram, pois os acordos de financiamento externo condicionados a reformas austeras, abertura de novos segmentos e desregulamentação aprofundaram a dependência doméstica perante credores ocidentais e fragilizaram o Estado, que passou a ser incapaz de honrar salários e pensões.

No âmbito internacional, a política externa inicial, sob Andrei Kozyrev (1990-1996) foi marcada por um ocidentalismo ideológico que visava a integração plena ao modelo ocidental, implicando concessões estratégicas, como a limitação da exportação de armamentos, a redução assimétrica do arsenal nuclear e o distanciamento de aliados históricos, além de um isolacionismo no espaço pós-soviético que acirrou conflitos étnicos e foi agravado pela crise chechena (1994-1996), drenando recursos estatais e aprofundando a crise estrutural. Paralelamente, as potências ocidentais exploraram essa vulnerabilidade para restringir a participação russa em instituições e engendrar a expansão da Otan no Leste Europeu, rompendo os compromissos assumidos com Moscou no fim da Guerra Fria. Ainda que em 1997 o país tenha sido admitido no G7<sup>22</sup> e o Conselho Conjunto Permanente Otan-Rússia tenha sido estabelecido, as queixas russas não foram levadas a sério e a principal linha política para a confecção da nova arquitetura de segurança europeia e do alargamento da Otan, conduzida sob a liderança dos Estados Unidos, continuou nas diretrizes de “manter os americanos dentro, os russos fora e os alemães subjugados”.<sup>23</sup>

Por volta de 1994, diante da crise interna, da desestabilização no Cáucaso, da insatisfação popular e das demandas de segmentos importantes das elites por maior soberania, o governo russo iniciou uma mudança de curso em 1996 com a nomeação de Evgueni Primakov como Ministro das

---

21 Segundo Aleshkovski et al. (2018), cerca de 4,1 milhões de russos emigraram do país no período de 1990 a 2000.

22 Com a adesão da Rússia em 1997, o G7 se tornou o G8, formato que perdurou até sua expulsão em 2014.

23 A frase (traduzida do inglês: *Keep the Americans in, the Russians out, and the Germans down*) é atribuída ao Primeiro Secretário Geral da Otan, Lord Hastings Lionel Ismay (1952-1957), e descrevia o propósito geopolítico da aliança.

Relações Exteriores. Esse movimento marcou a substituição do “ocidentalismo ideológico” de Kozyrev por uma estratégia de balanceamento do poder norte-americano, então a única superpotência remanescente do sistema (Tsygankov, 2016). Nos diversos cargos que ocupou, de chefe dos serviços de inteligência a Primeiro-Ministro (1998-1999), Primakov propôs uma rearticulação econômica centrada no controle dos setores estratégicos e a aproximação com potências emergentes, como China, Índia e Irã (Tsygankov, 2016).

No espaço pós-soviético, as ideias de Primakov impulsionaram o fortalecimento de organismos regionais até então paralisados, como a OTSC [Organização do Tratado de Segurança Coletiva] e a CEI [Comunidade dos Estados Independentes], transformando-os em eixos de promoção da integração regional. A abordagem também favoreceu a aproximação com atores asiáticos, culminando em acordos como o tratado russo-chinês sobre boa vizinhança e a criação da OCX [Organização de Cooperação de Xangai], além de inspirar, posteriormente, a formação dos Brics (Panova, 2015). Ainda assim, a conjuntura internacional dos anos 1990, com potências emergentes pouco consolidadas e governos locais em crise no espaço pós-soviético, limitava a efetividade dos esforços de balanceamento. A crise financeira de 1998, marcada pela queda do rublo, *default* e moratória dos pagamentos da dívida externa, aprofundou os desafios econômicos e intensificou o debate sobre o fortalecimento da autoridade central e a recuperação de setores estratégicos.

Nesse cenário, a renúncia de Boris Iéltsin em 1999 e a ascensão de Vladimir Putin sinalizaram uma continuidade com elementos do projeto de Primakov e a implantação de reformas institucionais e econômicas voltadas ao reforço dos interesses nacionais, à limitação do poder dos oligarcas e à diversificação das parcerias internacionais, além de uma postura mais assertiva em questões de segurança interna e combate ao terrorismo.

## *O período Putin e a Rússia do século XXI*

O século XXI inaugurou uma nova fase para a Rússia, caracterizada por um processo de recuperação socioeconômica e de reconstituição de suas capacidades estratégicas no sistema internacional, impulsionado pela rearticulação

de setores-chave da economia. Entre os anos 2000 e 2025, a formulação das políticas Externa e de Defesa refletiu a transição de um Ocidentalismo Pragmático (Segrillo, 2016), pautado na cooperação seletiva com potências ocidentais, para uma postura de assertividade geopolítica (Martyanov, 2018) e autonomia civilizacional (Tsygankov, 2016), especialmente após a incorporação da Crimeia, em 2014. Essa inflexão não advém apenas da consolidação de vetores de poder econômico e militar, mas também é uma resposta à continuidade do expansionismo institucional e do intervencionismo do Bloco Ocidental e é pautada em uma leitura acertada do aumento do protagonismo de potências emergentes – uma ambiguidade que marca o período.

Em âmbito interno, o início dos anos 2000 foi um período de alto crescimento econômico para a Rússia, puxado pela alta nos preços das *commodities*. A economia cresceu cerca de 10% já no ano 2000 (ver Tabela 10.1) e manteve uma média de crescimento de 7% entre esse ano e 2008. Apesar dos bons resultados de 2010, 2011 e 2012 (4,49%, 4,30%, 4,02%, respectivamente), no período de 2009 a 2019, a média de crescimento foi de 1% (ver Tabelas 10.2 e 10.3, a seguir). A fase de alto crescimento foi interrompida pela guerra na Geórgia em 2008 e pelos efeitos da crise econômica em 2009, pela conflagração das disputas geopolíticas com o Ocidente e pela imposição de sanções unilaterais.

Nesse sentido, é possível dividir o início do século XXI em três fases. A primeira, entre os anos 2000 e 2008, que compreende os dois primeiros mandatos de Putin, é marcada por alto crescimento, reformas econômicas e estabilização política e socioeconômica do país. A segunda fase, de 2008 a 2021, compreende o mandato presidencial de Dmitri Medvedev (2008-2012) e o retorno de Putin à presidência, a partir de 2012. Por um lado, essa fase foi marcada por instabilidade e baixas taxas de crescimento e pode ser considerada um período “entre crises”, a saber, a crise financeira global de 2008 (que afetaria a Rússia em 2009) e a crise econômica global causada pela pandemia, de 2020 a 2021. Por outro lado, houve adoção gradual de políticas econômicas modernizantes para a construção de uma economia soberana e o estabelecimento da “Fortaleza Rússia”, dadas as crescentes tensões com o Ocidente, que deram robustez à economia real do país. Para critério analítico, consideramos também a existência de uma terceira fase, iniciada em 2022, com a Operação Militar Especial e as sanções ocidentais. No entanto, esse último período ainda

carece de um “distanciamento histórico” para uma análise mais aprofundada, embora sua essência geopolítica seja evidente.

**Tabela 10.2** – Rússia: indicadores econômicos (anos 2000)

Ano	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Taxa de crescimento*	5,1%	4,69%	7,29%	7,19%	6,39%	8,2%	8,49%	5,19%	-7,79%	4,49%
PIB nominal**	306	345	430	591	764	989	1.299	1.660	1.222	1.524
PIB PPC**	1.074	1.167	1.338	1.473	1.696	2.133	2.377	2.878	2.768	2.927

\* Taxa de crescimento anual percentual do PIB a preços de mercado com base na moeda local constante.  
 \*\* Valores correntes em bilhões de dólares americanos.

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos dados do Banco Mundial (2025).

Mais especificamente sobre a primeira fase (de 2000 a 2008), a Rússia viveu um período de crescimento econômico impulsionado pelas exportações energéticas, o que permitiu saldar dívidas e iniciar a recuperação do setor militar. No geral, essa época foi marcada por superávits orçamentários, induzidos pelas altas exportações de insumos energéticos dos setores de petróleo e gás. Com isso, o Estado angariou recursos para uma série de reformas sociais e econômicas, destacando-se as novas leis orçamentárias, tributárias, trabalhistas e fundiárias (Kudrin & Gurvich, 2015). Ademais, foi criado o Fundo de Estabilização da Federação Russa, que se tratava de um fundo soberano para acumulação de divisas oriundas da alta do preço do petróleo, permitindo assim o resgate da dívida externa e do déficit com as pensões.

Segundo Kudrin & Gurvich (2015), no período de 2000 a 2008, a participação da Rússia na economia mundial cresceu quatro vezes, de 0,6% para 2,7%, os salários reais aumentaram 3,4 vezes e as pensões reais aumentaram 2,8 vezes. Fatores que ajudam a explicar a popularidade de Vladimir Putin, seus sucessos eleitorais e a sua continuidade no poder. Ainda no plano econômico, os primeiros anos da era Putin foram marcados pelo amplo esforço

de nacionalização de setores estratégicos, em especial o energético, principal fonte de receitas do país. Essa abordagem gerou um embate com determinados segmentos das elites, que, em conluio com empresas transnacionais, aproveitaram o caos dos anos 1990 para se apropriar ilegalmente de bens, recursos e empresas.

As leis sobre a extração e a exportação do gás e a “renacionalização” da Gazprom em 2005, por exemplo, geraram não só uma das maiores empresas do ramo energético do mundo, mas também um sistema efetivo de controle do setor por parte do Estado. A subordinação das oligarquias, que na década de 1990 exerciam forte influência sobre Iéltsin, também foi um processo relevante e que gerou atrito com o Ocidente, coibido de continuar com suas práticas predatórias em detrimento da sociedade russa.<sup>24</sup> Além disso, houve a criação de diversas corporações estatais, como a *United Aircraft Corporation*, em 2006, que consolidou empresas como a *Mikoyan* e a *Sukhoi*, gigantes da indústria aeroespacial civil e militar da Rússia. Em 2007, foi criada a *United Shipbuilding Corporation*, que consolidou a indústria naval, e a *Rostekhnologii* (renomeada como *Rostec* em 2012), voltada para alta tecnologia industrial civil e militar que auxiliou a estabelecer mais de 400 empresas do setor.

Já no âmbito internacional, em um primeiro momento, o governo Putin buscou a cooperação com os Estados Unidos na “Guerra ao Terror”, no pós-11 de setembro, já que a Rússia também enfrentava ameaças terroristas e lutava contra separatistas vinculados a grupos radicais. Por essa postura pragmática e pela continuidade da centralidade do Ocidente nas relações exteriores do país – explicada também pela proeminência econômica mundial do bloco –, a política externa desse primeiro momento é denominada como o “Ocidentalismo Pragmático” (Tsygankov, 2016).

No entanto, mesmo essa abordagem pragmática seria revista, já que as relações com o Ocidente foram gradualmente abaladas. Entre os fatores que causaram a reorientação, destaca-se a postura dos Estados Unidos, que avançaram com a tentativa de consolidação de sua hegemonia, a saída desse país

---

24 As principais empresas midiáticas de alcance nacional do país, privatizadas na década de 1990 e utilizadas como instrumento de pressão em favor dos interesses oligárquicos e transnacionais, também foram nacionalizadas pelo Estado naquele período.

do Tratado ABM<sup>25</sup> em 2002 e a invasão do Iraque em 2003, a despeito do veto russo no Conselho de Segurança da ONU. Além disso, a administração Bush alavancou a ideia de construção de um Escudo Antimísseis na Europa, que afetaria drasticamente as capacidades de dissuasão nuclear da Rússia e a balança de poder, além de defender a expansão da Otan. Um segundo fator foi a própria expansão das instituições ocidentais em direção ao Espaço Pós-Soviético, a despeito de qualquer coordenação com a Rússia. As rodadas de expansão da Otan de 2004 e 2009 são exemplos desses processos, incorporando nove países no total, entre eles as ex-Repúblicas Soviéticas do Báltico, que faziam fronteira com a Rússia.

A situação seria agravada pelas revoluções “coloridas” de 2003, na Geórgia, e de 2004, na Ucrânia, que contaram com amplo apoio ocidental. Dentro da própria Rússia, grupos opositores começaram também a se articular com financiamentos internacionais. O receio de uma destituição do governo por meio de manifestações apoiadas pelo Ocidente e a percepção desse novo cerco geopolítico foram fatores que ensejaram uma guinada mais brusca na política externa do Kremlin (Tsygankov, 2016). Nessa nova política, buscou-se o estabelecimento de bases econômicas mais sólidas, capazes de apoiar o país no âmbito internacional (Martyanov, 2018). Essas posições seriam sacralizadas pelo discurso de Putin na Conferência de Munique sobre Políticas de Segurança (Putin, 2007), em que criticou o “excepcionalismo ocidental”, a ideia de “unipolaridade” e a violação dos “direitos e reivindicações russas” no cenário internacional.

Além disso, não só a Rússia passava por uma fase de alto crescimento econômico, o que possibilitou que o país também pensasse vetores não ocidentais em sua política externa. Nesse âmbito, destaca-se a formalização da parceria com a China, que seria consolidada a partir de 2001, com o Tratado Sino-Russo de Amizade e a criação da Organização para a Cooperação de Xangai (OCX), que posteriormente se expandiu e atualmente conta com a participação de dez membros (China, Rússia, Belarus, Índia, Paquistão, Irã, Cazaquistão, Uzbequistão, Quirguistão e Tadjiquistão).

Ademais, no mesmo período, a Rússia, com outras economias emergentes, como o Brasil, a China e a Índia (compondo a sigla Bric, cunhada pelo

---

25 Tratado sobre Mísseis Antibalísticos (1972-2002).

economista Jim O'Neill, da Goldman Sachs, em 2001), representavam um seletivo grupo de países que detinha grandes reservas de recursos naturais, dimensões geográficas consideráveis, contingentes populacionais extensos e um robusto crescimento econômico, sendo apontadas como futuras potências econômicas do mundo. Para além da sigla, o Bric começou a ganhar corpo em encontros bilaterais às margens de fóruns como o G20 e as reuniões na ONU, justamente por iniciativa russa (Panova, 2015) e brasileira. Esses países “emergentes” que compunham o Bric também detinham insatisfações com as relações de força no sistema internacional e as tentativas de manutenção da unipolaridade pelos Estados Unidos da América. Em 2009, por fim, o Bric foi formalmente estabelecido em Ecatimburgo, na Rússia. Em 2010, o grupo convidou a África do Sul para participar de suas reuniões, tornando-se então os Brics.

Por certo, a expansão e a institucionalização (Panova, 2015) do agrupamento demonstrou o compartilhamento das demandas de seus Estados-membro por pluralidade e maior representatividade nas instituições de governança global comandadas pelo Ocidente. Como reformas em organizações como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional (FMI) caminhavam de forma lenta e morosa, em 2014 o Brics decidiu criar ele mesmo um banco de fomento, a saber, o Novo Banco de Desenvolvimento (sigla NBD), com sede em Xangai e que desde 2023 é presidido por Dilma Rousseff, ex-presidente do Brasil. Esse vetor diplomático não ocidental representado pelos Brics foi posteriormente institucionalizado na política externa russa, primeiro como um processo de diversificação de parcerias e depois como parte da estratégia de consolidação da Rússia como um polo de poder num mundo multipolar. Assim, intensificaram-se também as relações de Moscou com outros países asiáticos, africanos e até latino-americanos.

### *O período entre crises e a consolidação da soberania econômica russa*

A segunda fase (2009-2021) seria iniciada já sob a presidência de Dmitri Medvedev. A crise financeira de 2008 e a guerra da Geórgia, que ocasionou sanções temporárias à Rússia, foram os marcos do fim da fase de crescimento

acelerado. Em um primeiro momento, a nova fase foi marcada por uma tentativa de reconciliação com o Ocidente e os Estados Unidos, dada a política do *Reset*, proposta por Obama e Hillary Clinton. Essa reconciliação também atendia aos interesses russos de enfrentar os efeitos da crise econômica, de aderir à Organização Mundial do Comércio e de cooperar em segmentos de alta tecnologia. No entanto, sua duração foi breve, já que a Primavera Árabe, a malfadada intervenção da Otan na Líbia em 2011 e o intervencionismo norte-americano na Guerra Civil da Síria expuseram os limites da convergência de interesses.

Como mencionado, a média de crescimento econômico em valores correntes do período foi de cerca de 1% e o PIB nominal apresentou um substancial declínio, quando caiu de 2,2 trilhões de dólares em 2013 para 1,2 trilhão de dólares em 2016. Essa queda se explica pelos impactos das sanções impostas após a incorporação da Crimeia e pela instabilidade do rublo, também afetado pelas renovadas tensões com o Ocidente. No entanto, o período também é marcado por uma série de medidas econômicas estruturantes, que almejavam ampliar a autonomia e autossuficiência russa, e pelo longo processo de reforma e modernização militar, iniciado após a Guerra da Geórgia. Essas medidas também apontam para a revitalização do pensamento estratégico russo, que, como no período soviético, deu ênfase à economia real e à ampliação das capacidades do país.

No entanto, apesar do acirramento das tensões com o Ocidente, o contexto internacional atual difere radicalmente do período soviético, marcado pelo cerco geopolítico à URSS durante a Guerra Fria. Hoje, a ascensão de potências emergentes como China e Índia (que, juntas, representam cerca de 35% do PIB global em PPC, Paridade de Poder de Compra), insatisfeitas com a unipolaridade e a falta de representatividade em instituições como o FMI, permitiu à Rússia adotar uma estratégia multivetorial na política externa. Essa rede de parcerias, fortalecida por mecanismos como o Brics e a Organização de Cooperação de Xangai, viabilizou relações capazes de absorver partes significativas das exportações russas de energia e suprir lacunas tecnológicas críticas. Assim, diferentemente da URSS, isolada em um mundo bipolar, a Rússia contemporânea se baseia na multipolaridade emergente para reduzir sua dependência do Ocidente.

Após a imposição de sanções ocidentais em 2014 e a eclosão da guerra civil na Ucrânia, a Rússia intensificou a construção de mecanismos para enfrentar choques externos. Houve uma ampliação das reservas cambiais e de ouro, além do desenvolvimento de sistemas informacionais e financeiros análogos aos ocidentais, já que algumas das ameaças de sanções do Ocidente em 2014 visavam especificamente o sistema financeiro russo e sua exclusão do sistema de pagamentos SWIFT.

Nesse contexto, a Rússia criou o SPFS, um sistema para a transferência de mensagens financeiras, como alternativa ao Swift, e o sistema *Mir*, uma versão russa dos cartões Visa e Mastercard. Atualmente, há negociações para a integração do SPFS e do *Mir* aos sistemas locais de outros países, como o Sistema de Pagamento Interbancário e Transfronteiriço (CIPS) da China, os sistemas indianos, além de diálogos com a Turquia, o Irã e os países da União Econômica Euroasiática (UEE). Além disso, também há discussões nos Brics sobre a criação de um sistema de pagamentos próprio para o bloco, alinhado às propostas de utilização de moedas locais no comércio entre os países membros.

**Tabela 10.3** – Rússia: indicadores econômicos (2011-2020)

Ano	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
Taxa de crescimento*	4,30%	4,02%	1,75%	0,73%	- 1,97%	0,19%	1,82%	2,80%	2,19%	-2,65%
PIB nominal**	2.045	2.208	2.292	2.059	1.363	1.276	1.574	1.657	1.693	1.493
PIB PPC**	3.259	3.480	3.741	3.763	3.526	3.538	3.807	4.231	4.579	4.651
* Taxa de crescimento anual percentual do PIB a preços de mercado com base na moeda local constante.										
** Valores correntes em bilhões de dólares americanos.										

Fonte: Elaborada pelos autores com base nos dados do Banco Mundial (2025).

Assim, nesse período, apesar das recorrentes comparações feitas por analistas e autoridades pró-Ocidente, que frequentemente rotulam o país como

um “grande posto de gasolina” ou enfatizam que sua economia é “inferior à do Texas”, a Rússia consolidou-se como um dos principais exportadores de trigo e alimentos, além de ser uma grande produtora de aço, fertilizantes e hidrocarbonetos, ampliando sua influência nos mercados globais. Além disso, o país fortaleceu sua autossuficiência alimentar e energética, ao mesmo tempo que se firmou como um fornecedor de produtos estratégicos e de alta tecnologia, oferecendo uma alternativa ao Ocidente em setores como defesa, energia nuclear, exploração espacial e segurança digital.

Segundo o Banco Mundial, o Produto Interno Bruto em paridade de poder de compra (PIB por PPC) da Rússia atingiu cerca de 6,4 trilhões de dólares em 2023, tornando-se o maior da Europa e o quarto maior do mundo. Esse valor supera o de países desenvolvidos, como o Japão (6,2 trilhões), a Alemanha (5,7 trilhões) e tanto o Reino Unido quanto a França (aproximadamente 3,8 trilhões cada). Também se destacam as economias indiana – a terceira maior do mundo, com 14,6 trilhões – e chinesa, a maior nesse critério, que alcança 34,6 trilhões, mantendo uma ampla distância do segundo colocado, os Estados Unidos (27,7 trilhões). Embora o PIB por PPC não seja o melhor indicador para mensurar a robustez econômica, ele evidencia o diferencial das capacidades produtivas reais e reflete o sucesso da modernização militar implementada durante os anos anteriores.<sup>26</sup>

A modernização militar não apenas fortaleceu a segurança nacional, mas consolidou a indústria de Defesa como um pilar da economia russa, garantindo o domínio de ciclos produtivos que vão desde a extração da matéria-prima até a confecção de materiais avançados, usados nos equipamentos. No setor aeroespacial, o caça furtivo de quinta geração Sukhoi *Su-57* entrou em produção em 2018, tornando-se um símbolo do avanço tecnológico da aviação militar do país. Já o fortalecimento da tríade nuclear (terra-água-ar) incluiu o ICBM R-28 *Sarmat*, os mísseis RSM-56 *Bulava*, lançados de submarinos, e armas ainda sem análogos operacionais no Ocidente, como os mísseis hipersônicos *Kinzhal* e *Avantgard* e os drones submarinos nucleares Poseidon. A intervenção síria e a crise ucraniana de 2014 demonstraram o impacto dessas

---

<sup>26</sup> Martyanov, 2018. Esse processo de modernização também gerou transbordamentos para setores civis estratégicos, como o cibernético, o espacial e o de tecnologia, impulsionado por exemplos como a Yandex, a Kaspersky e o Telegram, que hoje são referências em serviços digitais, segurança na internet e comunicações de ponta.

modernizações (Trenin, 2016), com os sistemas S-400 garantindo a negação do espaço aéreo e os mísseis Kalibr, guiados pelo sistema Glonass (a alternativa russa ao GPS), sendo instrumentais na desarticulação do Estado Islâmico (Martyanov, 2018).

A Rússia também se reafirmou como um dos principais exportadores globais de armamentos e sua diplomacia de Defesa vai além das vendas militares, abrangendo assistência técnica, exercícios conjuntos e parcerias estratégicas que fortalecem laços políticos e econômicos, especialmente na Ásia, no Oriente Médio e na América Latina. Dessa forma, além de seu papel estratégico, o setor de Defesa russo possui relevância geoeconômica e diplomática para o país, não apenas fortalecendo a capacidade dissuasória da Rússia, mas também projetando-o como um ator central na consolidação de uma ordem multipolar.

Outro fator de destaque é a estabilidade política mantida pela melhoria constante dos indicadores socioeconômicos. De fato, a Rússia de Putin apresentou uma robusta recuperação em relação aos anos 1990. Em 2023, por exemplo, segundo o Banco Mundial, o país atingiu a taxa mínima histórica de desemprego no período pós-soviético – cerca de 3,1%. A expectativa de vida, que havia declinado para 64 anos em 1994, atingiu a máxima histórica de 73 anos em 2019.<sup>27</sup> O Índice de Desenvolvimento Humano [IDH] apresentou uma melhora constante no período, atingindo a máxima histórica de 0,839 em 2019,<sup>28</sup> considerado como “muito alto” pela classificação das Nações Unidas.

Apesar dos resultados positivos, no entanto, diversos desafios ainda persistem. O nível de extrema pobreza, que assolou mais de um terço dos russos na década de 1990, também foi reduzido, atingindo cerca de 8,5% ao final de 2023, segundo as estatísticas oficiais,<sup>29</sup> o que, por outro lado, significa que cerca de 12,4 milhões de russos ainda vivem em condições muito abaixo do ideal. Não obstante, a concentração de renda na Rússia é uma das mais altas de todos os Estados pós-soviéticos, e, ainda que a hiperinflação tenha arrefecido, o país ainda sofre com episódios de pressão inflacionária de tempos

---

27 Segundo dados do Banco Mundial. Apesar das variações durante a pandemia de Covid-19, a taxa se manteve em 73 anos a partir de 2022.

28 Segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), s/d.

29 Segundo a Rosstat, órgão estatal de estatísticas da Rússia.

em tempos, agravados pelas sanções ocidentais, por ataques especulativos ao rublo e pela crise recente causada pela pandemia.

### *A resiliência econômica russa na atualidade*

A “Operação Militar Especial”, iniciada em 24 de fevereiro de 2022, nas regiões russófonas da Ucrânia, emergiu como ponto crítico na disputa geopolítica contemporânea. A conflagração do conflito está diretamente relacionada com o alargamento da Otan, que se constituiu como uma ameaça geoestratégica existencial para a Rússia, e representa uma ruptura definitiva de Moscou com a arquitetura de segurança do pós-Guerra Fria. A imposição sem precedentes de sanções multilaterais à Rússia, que totalizaram mais de 5 mil medidas de natureza comercial, financeira e sociocultural, consolidou-a como o país mais sancionado da história.

Tais medidas, de acordo com autoridades ocidentais, visavam “degradar a capacidade bélica russa” por meio da desvalorização do rublo, da ruptura de cadeias produtivas críticas e da criação de instabilidade socioeconômica interna, que afetariam a estabilidade política e também o esforço de guerra do país<sup>30</sup>. Paralelamente às sanções, os Estados Unidos e a Otan institucionalizaram um programa maciço de financiamento e cooperação militar com a Ucrânia, canalizando cerca de US\$ 180 bilhões em auxílio financeiro, militar e treinamento para as suas forças armadas (Masters & Merrow, 2024). Esse apoio ocidental é elemento central para a continuidade do esforço de guerra ucraniano e para a manutenção do regime de Kiev, o que também caracteriza o conflito como uma “guerra por procuração” (ou *proxy-war*, na literatura). Para além do discurso de “defesa da democracia”, os objetivos de enfraquecer<sup>31</sup> e de impor “a derrota estratégica definitiva da Rússia” já foram mencionados publicamente por autoridades ocidentais, e o conflito é visto como uma oportunidade de concretizá-los sem com isso comprometer diretamente tropas da Otan.

---

30 Abordagem essa que já era utilizada para pressionar outros Estados autonomistas, como Cuba, Irã, Venezuela e Coreia do Norte.

31 Conforme mencionado pelo então Secretário de Segurança dos Estados Unidos, Lloyd Austin, em abril de 2022.

Em meio a esse cenário desafiador, a resiliência econômica russa diante das sanções do Ocidente pode ser compreendida como o resultado das reformas estruturais prévias e de medidas de contingência, que integraram economia e segurança nacional, adotadas durante o conflito e até mesmo antes de seu início. Como destacado anteriormente, Moscou priorizou, desde os anos 2000, um paradigma de autonomia estratégica, desenvolvendo setores-chave, como energia, defesa e tecnologia de ponta, por meio de políticas de substituição de importações, de domínio de cadeias produtivas e investimentos estatais em setores de alta tecnologia, processo acelerado após a anexação da Crimeia (2014), quando já se antecipava riscos de uma ruptura com o Ocidente.

Durante a guerra, essa estratégia foi amplificada por mecanismos como a nacionalização de ativos de empresas ocidentais que deixaram o país. Além disso, houve uma reorientação de cadeias de suprimentos em setores sensíveis, como a coordenação com a China para o fornecimento de componentes de microeletrônica, ou a negociação com novos parceiros para a exportação de petróleo, fertilizantes e outros derivados. Houve também um aproveitamento das relações com países emergentes, o que possibilitou o redirecionamento das exportações de hidrocarbonetos para a Ásia. Isso reduziu significativamente as vulnerabilidades a embargos na cadeia produtiva e manteve a Balança Comercial da Rússia positiva.

Igualmente, foi promovida uma “fortificação financeira” por meio da “desdolarização” progressiva, o acúmulo de reservas em moedas alternativas, como o yuan e a rupia indiana, e a expansão de parcerias com sistemas paralelos de pagamento, o que mitigou o impacto da expulsão dos bancos russos do Swift. Já a recuperação do rublo, que foi inicialmente abalado pelas sanções, baseou-se em intervenções macroeconômicas, como no aumento das taxas de juros pelo Banco Central da Rússia, bem como na manobra diplomática e geoeconômica de exigir que os “países não amigáveis” realizassem o pagamento pelo gás russo em rublos, obrigando-os a comprar a moeda russa (Reuters, 2024).

Socialmente, o Kremlin implementou políticas compensatórias, como subsídios, controle de preços e restrições à fuga de capitais, para amortecer o custo doméstico das sanções, aliadas a um discurso patriótico que associa a

resistência econômica com a segurança existencial do país. No mais, a Rússia realizou uma mobilização parcial em setembro de 2022, mas não tem implementado nenhuma medida coercitiva de conscrição ou mobilização adicional desde então. Com a exceção de uma leve pressão inflacionária, da elevação das taxas de juros e do contínuo problema demográfico, as condições socioeconômicas da Rússia continuam estáveis.

Essa resiliência econômica e social russa no contexto das sanções ocidentais desafia narrativas prévias sobre a vulnerabilidade estrutural do país. Segundo dados de 2025 da Rosstat, a economia registrou taxas de crescimento de 3,6% em 2023 e 4,1% em 2024,<sup>32</sup> desempenho atípico para uma economia sob sanções severas, ainda que críticos apontem um aumento da primarização e o peso do setor bélico como alavancas do crescimento russo. No âmbito industrial-militar, a capacidade de reconversão tecnológica russa também colocou em xeque os prognósticos ocidentais sobre um possível colapso produtivo. Nesse sentido, foi uma surpresa para diversos analistas que a indústria de Defesa russa pudesse produzir cerca de 3 milhões de projéteis anuais (Orlov, 2024), mais do que a Europa, os Estados Unidos e a Ucrânia juntos. O país também teria produzido cerca de 1.500 tanques e mais de 22 mil drones em 2023 (Orlov, 2024), dados que destacam a sua robustez industrial.

Além disso, Moscou se utilizou das parcerias tecnológicas com a China, aproveitando a convergência de sistemas de pagamento em yuan e rotas logísticas asiáticas. Em 2023, cerca de 90% das importações de microeletrônicos e quase 70% das importações de máquinas-ferramenta da Rússia vieram da China.<sup>33</sup> A cooperação com o Irã foi igualmente aprofundada e resultou no fornecimento dos drones *Shahed* em troca de tecnologias sensíveis e de acesso de produtos iranianos ao mercado russo. Em 2024, o Kremlin também assinou um acordo compreensivo de cooperação técnica e militar com a Coreia do Norte. Esses desenvolvimentos ilustram a emergência de um ecossistema colaborativo multipolar, substituindo a centralidade ocidental e desafiando a ideia de que o caminho para o desenvolvimento deve passar não só pelas tecnologias ocidentais, mas também pela adoção de suas instituições, seus modelos e valores.

---

<sup>32</sup> Segundo a Rosstat.

<sup>33</sup> Segundo notícia da AP News, 2024.

## *Considerações finais*

No período do breve século XX e início do século XXI, a Rússia passou por profundas transformações que afetaram não só sua organização interna, mas também sua participação no cenário internacional. Nesse período, marcado pelas experiências da Primeira Guerra Mundial, da Guerra Civil, da Grande Guerra Patriótica e da Guerra Fria, foi imprimida na cultura política russa (Vershinin & Krivopalov, 2024) uma abordagem estratégica para o desenvolvimento da economia, a condução do Estado e a manutenção da autonomia e das capacidades bélicas.

A experiência soviética representou uma transformação radical iniciada com a Revolução de 1917, que rompeu com o capitalismo periférico ao instaurar uma economia de comando baseada na nacionalização dos setores estratégicos e na centralização da produção. Esse modelo, alicerçado na substituição do desenvolvimento por endividamento externo pela planificação centralizada e a reorganização das relações produtivas, não só posicionou a União Soviética como potência global, mas também criou um paradigma alternativo, cujo legado é central para a compreensão das transformações mundiais do século XX. Além de tudo, o legado soviético também está ligado aos sacrifícios feitos para a vitória sobre as forças do Eixo e para aniquilação do nazismo como um projeto de ordenamento político e racial em escala mundial.

Em resumo, a experiência histórica da Rússia revela um pensamento estratégico que, desde o período soviético, valorizou a autossuficiência, a estabilidade interna e a promoção de uma “economia real”, sempre dialética também com o contexto internacional. A partir dos anos 2000, sob a liderança de Putin, o país experimentou uma readaptação desse legado estratégico às novas dinâmicas geopolíticas e econômicas de seu tempo. Esse processo envolveu a modernização de infraestruturas estratégicas, o fortalecimento dos setores industriais e a diversificação das parcerias internacionais, consolidando a resiliência econômica russa e a capacidade de resistir a choques externos. A Rússia construiu suas capacidades econômicas a partir de modos e formas de administração que se situam fora dos moldes e modelos propagados pelo Ocidente como universais, que nada mais são do que narrativas hegemônicas voltadas para a exploração de países na periferia do sistema. Por fim, apesar

do cenário global substancialmente diferente daquele do período soviético, a Rússia do século XXI novamente teve de se rearticular diante das pressões e das ameaças externas, mas dessa vez com maior poder de articulação com outros polos emergentes.

## *Referências*

- Aleshkovski et al. (2018). The evolution of russian emigration in the post-soviet period. *Social Evolution & History*, 17(2), 40-155.
- Banco Mundial. *Base de dados do Banco Mundial*. <https://data.worldbank.org/>.
- Cohen, S. (2011). *Soviet fates and lost alternatives: From stalinism to the new Cold War*. Columbia University Press.
- Fernandes, L. M. (1999). Rússia, do capitalismo tardio ao socialismo real. In J. L. Fiori, *Estados e moedas no desenvolvimento das nações*. Vozes.
- Fortes, R. V. (2018). Entre o ideal revolucionário e o factível. Lênin e o problema da formação dos fatores objetivos e subjetivos para a revolução. In A. Cotrim, & V. Cotrim (Orgs.), *Todo poder aos soviets!: A Revolução Russa cem anos depois*. Zouk.
- Fundo Monetário Internacional. (1991). *The economy of the USSR*. <https://documents1.worldbank.org/curated/zh/187491468769887526/pdf/multi-page.pdf>
- Hoff, K., & Stiglitz, J. E. (2004). After the Big Bang? Obstacles to the emergence of the rule of law in post-communist societies. *American Economic Review*, 94(3), 753-763.
- Klyausova, N. (2016). *Bretton-Woods conference: The soviets perspective*. Erasmus University.
- Kudrin, A., & Gurvich, E. (2015, mar.). A new growth model for the russian economy. *Russian Journal of Economics*, 1(1), 30-54.
- Losurdo, D. (2010). *Stalin: História crítica de uma lenda negra*. Revan.
- Lukács, G. (2008). *Socialismo e democratização*. Editora UFJ.

- Martyanov, A. (2018). *Losing military supremacy: The myopia of american strategic planning*. Clarity Press.
- Masters, J., & Merrow, W. (2024). *How much U.S. Aid is going to Ukraine? Council of foreign relations*. <https://www.cfr.org/article/how-much-us-aid-going-ukraine>
- Moraes, J. Q. de. (2015). O mito do fracasso econômico da URSS. *Revista Crítica Marxista*, 40, 133-139.
- Nações Unidas. *Banco de dados do programa das Nações Unidas para o desenvolvimento: Human development index*. <https://hdr.undp.org/data-center/human-development-index#/indicies/HDI>
- Orlov, A. (2024). *Inside Russia's 2024 military-industrial complex*. ESD, European Security and Defense. <https://euro-sd.com/2024/09/articles/40149/inside-russias-2024-military-industrial-complex/>
- Panova, V. V. (2015). Rússia nos Brics: Visão e interpretação prática. Semelhanças e diferenças. Coordenação dos Brics dentro das estruturas de instituições multilaterais. *Contexto Internacional*, 37(1). <https://www.scielo.br/j/cint/a/6K6zyK5yJWWdkDnMNFqXxDk/?format=html>
- Putin, V. (2007, 10 fev.). *Discurso na conferência de Munique sobre políticas de segurança*. <http://www.kremlin.ru/events/president/transcripts/24034>.
- Reis Filho, D. A. (2004). *As revoluções russas e o socialismo soviético*. Unesp.
- Reuters. (2024). *Putin cancels option for roubles conversion at Gazprombank in Russian gas payments*. Reuters. <https://www.reuters.com/markets/europe/putin-removes-gazprombank-payments-russian-gas-exports-2024-12-05/>
- Robinson, D.; Owen, D. E. W. (Orgs.). (2003). *Russia rebounds*. Fundo Monetário Internacional.
- Sakwa, R. (2017). *Russia against the rest: The post-Cold War crisis of world order*. Cambridge University Press.
- Segrillo, Â. (2013). *O declínio da União Soviética: Um estudo das causas*. Prismas.
- Segrillo, Â. (2014). *De Gorbachev a Putin: A saga da Rússia do socialismo ao capitalismo*. Prismas.

Segrillo, Â. (2016). *Rússia – Europa ou Ásia? A questão da identidade russa nos debates entre ocidentalistas, eslavófilos e eurasianistas e suas consequências hoje na política da Rússia entre Ocidente e Oriente*. Prismas.

Shifrinson, J. R. I. (2016). Deal or no deal? The end of the Cold War and the U.S. offer to limit NATO expansion. *International Security*, 40(4) 7-44. <https://www.belfercenter.org/publication/deal-or-no-deal-end-cold-war-and-us-offer-limit-nato-expansion>

Trenin, D. (2016). The revival of the russian military: How Moscow reloaded. *Foreign Affairs*, 95(3), 23-29.

Tsygankov, A. P. (2016). *Russia's foreign policy: Change and continuity in national identity* (4th ed.). Rowman & Littlefield.

Vershinin, A. A., & Krivopalov, A. A. (2024). Russian strategic culture in retrospect. *Russia in Global Affairs*, 22(2), 28-49. <https://eng.globalaffairs.ru/articles/russian-strategic-culture/>



**Figura 10.1** – Parada da vitória, em 1945, na Praça Vermelha, Moscou.

Fonte: WikiMedia Commons (domínio público).



**Figura 10.2** – Winston Churchill, Franklin D. Roosevelt e Josef Stalin, na Conferência de Yalta, 1945.

Fonte: WikiMedia Commons (domínio público).



**Figura 10.3** – Lançamento do Ural, quebra-gelo russo com propulsão nuclear, em 2019.

Fonte: WikiMedia Commons (domínio público).

